~~DIÁLOGOS E NARRAÇÕES DEFINITIVOS~~

NARRAÇÕES E DIÁLOGOS DEFINITIVOS

O roteiro sofreu transformações durante a filmagem e a montagem, permanecendo aberto até a conclusão dos trabalhos de dublagem e gravação do som. Esta versão, definitiva, ~~são mantidas~~ mantém a mesma organização e numeração das sequências, para melhor compreensão e, sobretudo, para efeito de comparação entre o roteiro original e o resultado final.

PLANO DOCUMENTAL (não consta no Roteiro)

(1)

VELHO OPERÁRIO — Antes dele chegar a fome
era grande.

A gente comia era...

Quando no tempo de seca,
que não tinha plantas,

a gente comia era macambira
e xique-xique.

Isso é coisa do mato.
Xique-xique velho, assado.

Com a chegada dele a gente
nunca mais passou fome.

Ele comprava tudo pra
pobreza.

Pra vender, né? Agora,
vendia barato.

Vendia na semana ~~para~~ PRÁ
descontar no sábado.

Mas dava pra gente comer
e ainda sobrava.

Fome nós nunca mais passou,
nem nu...

Com a chegada dele, ~~pro povo~~
o lugar, foi mesmo que ~~tirando~~ tem enricado.
~~de casa.~~

Quando chegava um retirante
de fora, nu, ele mandava vestir.

Mandava lá pra loja dele e
vestia todo mundo.

Se estava com fome, dava
de comer.

E no outro dia já ia trabalhar.

Quando o serviço era pouco,
ele mandava juntar pedras no mato,

nas malhada...

Mas ninguém passava fome nem
ficava parado também.

Quando ele mandava chamar
um camarada,

ele chegava lá e ficava
logo tremendo.

Pois diziam que ele tinha imã
nos olhos.

Agora, o que fizesse
mal feito

ele ou mandava embora ou
dava umas coiradas.

E o cabra ia-se embora.

Mas ele nunca mandou
matar ninguém.

SEQUÊNCIA 1 - Festa na casa de DG em Recife

DG — Ao século XX!
TODOS — Ao século XX!
IONA — A Delmiro Gouveia!
TODOS — A Delmiro Gouveia!
DG — Ao Brasil!
TODOS — Ao Brasil!
DG — Meu amigo Iona, o judeu errante.
Um século novo para novas idéias.

IONA — Muitas felicidades, Delmiro.

Os boatos estão aumentando. De hoje
para amanhã deve acontecer alguma coisa.

DG — Fogo de palha. O Governador e a
quadrilha dele não me metem medo não.

IONA — É, já estamos no Século XX e o mar
ainda não invadiu a cidade.

E não acredito que vai haver
um terremoto.

DG — A vida continua...

IONA — Dr. Arnaud, felicidades.

DR. ARNAUD — Obrigado, Iona. muitas felicidades.

SENHORA — ~~Mil e novecentos,~~ 1900, Lionello! Nunca
pensei de viver até ~~mil e novecentos!~~ 1900!

IONA — E eu nunca duvidei disto.
Feliz Ano Novo!

SENHOR 1 — Delmiro foi longe demais. A pressão
agora é grande contra ele.

IONA — Estamos preparados pra
qualquer novidade.

SENHOR 2 — Uma situação perigosa, Iona.
Muito perigosa.

IONA — O certo é que Delmiro não vai recuar.

MOÇA — Quando ia bater meia-noite aí eu pensei:

É agora, o mundo vai se acabar, meu Deus!
Fechei os olhos, fiquei pensando, rezando...

SENHORA 1 — É um escândalo completo.

Na minha opinião, Delmiro só arrumou esse caso

pra desmoralizar completamente o Governador.

SENHORA 2 — Eulina. Não é esse o nome dela?

SENHORA 3 — A Eulina não é filha do Governador. É apenas uma enteada.

Ela e a mãe estão sendo sustentadas pelo Governador.

Delmiro e Eulina vêm se encontrando há muito tempo.

Isso não vai acabar bem, vocês vão ver.

ANUNCIADA — Estou morrendo de vergonha. A cidade toda já sabe.

DG — Não acho que devemos discutir isso aqui, agora. Não é o momento, Anunciada.

ANUNCIADA — Você quer que eu fique calada? Que aceite tudo de boca fechada?

Chega de humilhação, Delmiro.

DG — Você está exagerando, dando ouvidos a essa gente.

ANUNCIADA — Chega de humilhação, Delmiro. Não agüento mais.

MULHER — Fogo! Fogo!

O Derbi tá pegando fogo!
O Derbi tá pegando fogo!

IONA — Eles tiveram a ousadia de incendiar o Derbi. Eu bem lhe avisei, Delmiro.

DG — Xibungos! Xibungos de merda!

Pra me atacar, pra me destruir

os chacais do Rosa e Silva e desse Governador duma puta

tacaram fogo no único mercado onde o povo podia saciar a fome.

Eu construi o Derbi e baixei os preços para 50% a menos

porque a população estava cansada de ser tapeada, espoliada,

roubada por essa corja de assassinos que ocupa o poder.

Isso é um crime, um crime contra a cidade do Recife.

IONA — A polícia pode cercar a casa.

Saia depressa. Vou ver o que se pode fazer.

DG — Não imterrompa as exportações.

ANUNCIADA — Delmiro, se você for procurar aquela mulher, eu não fico mais nesta casa.

Vou-me embora. Vou viver na casa de meus pais.

DG — Ótimo, melhor assim. Acabou-se, Anunciada.

Prá mim acabou-se tudo: o Recife, o Derbi, o Século ~~Dezenove~~ XIX,

você, tudo, Tudo, entendeu? Adeus.

SEQUÊNCIA 3 - Residencia de Eulina.

DG — Vamos, Eulina. Já não podemos mais nos atrasar.

MÃE DE EULINA — Vai, minha filha. O Coronel Delmiro vai ser um bom homem pra você.

Não chora. Não chora não.

(para DG) É todo meu futuro que lhe entrego!

DG — A senhora sabe muito bem que não deve se preocupar.

EULINA — A bênção, mãe.

MÃE DE EULINA — Deus lhe abençoe, minha filha.

(para DG) Coronel, tome conta dela. É apenas uma menina.

SEQUÊNCIA 4 - Fuga pelas ruas do Recife.

EULINA (OFF) — Naquela noite parecia que o Recife todo tava pegando fogo.

E eu só pensava numa coisa:

Que eu estava com ele do meu lado, fugindo da perseguição de meu pai,

sem saber o que ia ser de mim.

Eu não esperava. Não fazia a mínima idéia de que as coisas iam acontecer assim.

Nem me lembrava da primeira vez que vi Delmiro, quando o conheci.

SEQUÊNCIA 5 - (Flash-back) Passeata da fainha.

DG — Compramos tudo, Iona. Todo o estoque disponível, à vista.

Comprando a grosso e à vista, os custos podem baixar até 50%.

E ainda jogamos os preços do varejo no chão.

IONA — Mas vai exigir um grande capital...

DG — Eliminamos os competidores, ficamos sós no mercado.

Vendendo barato, venderemos tudo e ainda teremos um bom lucro.

E, de quebra, ainda ganhamos o apôio e a gratidão de todo esse povo.

EULINA (OFF) — O Recife todo só falava dele. Ele havia surrado

o Vice-Presidente da República, o Dr. Rosa e Silva, no Rio de Janeiro,

com uma bengala. Coisas de política.

E ele ali, no meio do povo,

parecia não ter medo de ninguém.

Mais poderoso que o Vice-Presidente e o Governador, meu pai.

~~5A~~

5A - Fuga em uma estrada rural.

E aconteceu essa coisa,
um amor aparecido de repente.

Quando ele me tomou e ficou
sendo tudo pra mim.

Meu sonho, meu irmão,
meu protetor,

ó pai que eu nunca tive.

Agora era ele que ia tomar conta
de mim. O responsável por mim.

O que uma mulher como eu
podia querer mais?

5B - (Flash-Back) - Inauguração do Débi.

DG — Povo do Recife! Já que os homens
que mandam e desmandam neste Estado

não conseguem baixar o
preço dos alimentos

vamos fazer isso por nós
mesmos.

Aqui, no Derbi, tudo será
vendido pela metade do preço.

Porque esse mercado é de vocês,
do povo do Recife!

SEQUÊNCIA 6 - Fuga em uma estrada rural.

CAPANGA — Coronel, tem gente armada seguindo
nosso rastro. Uns 4 ou 5 homens.

DG — Vocês ficam aqui dando cobertura,

É um bom lugar pra emboscada.

Eu sigo em frente. ~~Vamos~~ (para Eulina) Vamos.

EULINA (OFF) — Perseguidos pelos soldados
do Governador

eu pensava no Recife,

Nos dias felizes que
passamos juntos.

Eu estava longe de saber
que aqueles dias

seriam os únicos dias de
amor de minha vida.

Eu pensava que uma coisa
assim era pra sempre.

(7)

SEQUÊNCIA 7 - (Flash-back) Carta de DG a Eulina.

DG (OFF)

Meu coração! Tenho de ontem para
hoje recebido tuas 2 cartinhas

que me enchem de satisfação.
Por esta respondo a ambas.

Eu tenho passado bem de saúde

porém muito preocupado em pensar
que estás exposta a um tão grande perigo.

Penso muito na viagem que
faremos a Paris,

onde viveremos longe de tudo
e de todos.

A prova que não me esqueço
de ti um só momento

é que, todas as vezes que
posso, passo por aí

a fim de ao menos de
longe poder ver-te.

Pois, embora traga no coração
a tua imagem

para consolar-me preciso,
embora de longe, divisar-te.

Essas palavras amorosas estão
muito longe do que sinto,

do que quero dizer-te.

Porém, como tu mesma pensas,

eu tenho receio de expandir
todos os meus sentimentos.

Pois minhas cartas podem cair
em mãos de outros

e de futuro me trazerem
desgostos.

Esta tu terás que ma devolver
na 1ª oportunidade.

Espera-me hoje às 6 e meia
e pensa em mim como eu em ti.

Teu, Delmiro.

primeira

SEQUÊNCIA 8 — (flash back) DG e Eulina amam-se (8)

EULINA — Painho... Painho... painho...

SEQUÊNCIA 11 - Cel. Ulisses recebe DG e Eulina.

DG — Coronel Ulisses...

CEL. ULISSES — Pode se acomodar.

A casa é grande, tem lugar
para muita gente.

Pode ficar descansado
que aqui está protegido.

Ninguém vem bulir com o
senhor não.

Lhe garanto. Prometi.

Os amigos pediram.

Deixe passar essa persiga,
dê tempo ao tempo

e depois o senhor pode voltar
pro lugar de onde veio.

Política é como o vento,

muda muito, seu Delmiro.

SEQUÊNCIA 12 - Quarto, casa do Cel. Ulisses.

EULINA (OFF) — Água Branca.

Pensava que era só por
uns tempos, uns meses.

E aí a gente ia voltar
pro Recife.

Mas Delmiro comprou casa
e terras...

E os dias foram passando,
todos iguais.

Os meses, os anos,
um atrás do outro.

E com eles as promessas
e os sonhos.

SEQUENCIA 13 - Casa de DG no sertão.

EULINA (OFF) - Anos depois eu ainda estava lá,
com meus filhos...

E eu não era mais a mesma,
nem o Delmiro.

SEQUÊNCIA 14 - Curtume.

CEL. ULISSES — Parabéns pelo seu progresso,
meu caro Delmiro.

DG — Obrigado, Coronel. Mas não é só
isso o que eu quero, não.

Quero mais, muito mais.

O que eu quero, Coronel,
é muita terra pra plantar algodão.

SEQUENCIA 15 - Escritório de DG.

IONA — Com esse adiantamento
o senhor pode garantir pra nós
toda a produção de couro do Quixadá.

Pra isso é que eu lhe entrego
o dinheiro, o que ninguém faz.

SERTANEJO — Quer dizer que pode trazer
tudo que encontrar?

IONA — Tudo. Aqui a gente faz a
seleção.

SERTANEJO — Pois não, Seu Iona.

IONA (para DG) — Já telegrafei pra Nova Iorque avisando
que temos dez mil couros em estoque.

Assim que eles confirmarem o preço
podemos realizar o embarque.

SEQUENCIA 16 - Casa de DG no sertão.

EULINA (OFF) — Delmiro mandou buscar sua irmã, Dona Maria ~~Augusta~~ Augusta, pra tomar conta da casa e das minhas crianças.

Com ela veio seu filho Osvaldo, sobrinho de Delmiro.

DG — Os últimos lançamentos da moda!

Paris!

EULINA — Para irmos hoje à noite ao teatro e depois ao sarau do Governador?

DG — Não seja boba, Eulina. Não comece tudo de novo.

EULINA — Você compra tudo o que quer, não é, Delmiro?

Quer me comprar de novo com isso?

Mas não compra não.

DG — Você é igual à sua mãe!

SEQUÊNCIA 18 — Estação de Trem, vila da Pedra.

CHEFE DA ESTAÇÃO — Coronel, recebi esse telegrama agorinha mesmo.

avisando desse trem especial.

DG — De onde vem?

CHEFE DA ESTAÇÃO — De Piranhas. Acho que é trem especial.

DG — Quem vem nele?

CHEFE DA ESTAÇÃO — Sei não. Trem especial. O telegrama não diz.

TEN. IZIDORO — O senhor é o Coronel Delmiro Houveia?

Prazer. Sou o Tenente Izidoro, comandando uma Volante Especial de Captura.

Tenho ordens de deter o senhor e encaminhar preso pro Recife.

DG — Qual a acusação?

TEN. IZIDORO — Falência fraudulenta, sedução e rapto de menor.

Peço-lhe que me entregue as armas.

DG — Não ando armado.

A gente não podia negociar a situação, Tenente?

TEN. IZIDORO — Infelizmente não posso, Coronel.

Estou a serviço. Cumpro ordens.

CAMPONÊS — Alguma coisa aí, Coronel?

DG — Baixa essa arma!

SEQUÊNCIA 19 — Cel. Ulisses com jagunços, balsa.

SEQUÊNCIA 19

CEL. ULISSES (OFF) — Tudo começou com uma carta de uns amigos.

"Coronel Ulisses, pode receber o homem?"

Telegrafei na resposta: "Posso".

Aí tomei compromisso, dei minha palavra.

SEQUÊNCIA 20 — (flash-back) — Cel. Ulisses recebe DG e Eulina.

SEQUÊNCIA 20

CEL. ULISSES (OFF) — Vinha fugido do Recife.

Tinha deixado a mulher e trazia uma menina.

Um exemplo de mau costume que não aprovo.

Quando ele chegou, pensei na hora:

É só um jabutí de cidade, isso não guenta 3 meses de sertão.

CEL. ULISSES — Política é como o vento: muda muito, Seu Delmiro.

DG — Política não interessa mais, Coronel Ulisses.

Aliás, a bem da verdade,
nunca interessou mesmo.
Eu apenas me deixei influenciar,
levar pelos amigos.

Eu vim foi pra ficar.

Montar negócio, comprar umas
terras, me estabelecer.

E pro Recife eu não volto
nunca mais,

Nem mesmo quando meus
inimigos forem vencidos.

SEQUÊNCIA 21 – Cel. Ulisses com jagunços, balsa.

CEL. ULISSES (OFF) – Pois foi que ele ficou.
Comprou umas terras,

se estabeleceu e começou
a comerciar com couro.

Aprovo o homem que sabe mandar,

que o povo obedece e respeita.

Aprovei Delmiro Gouveia.

Às vezes eu ainda tinha
umas dúvidas,

Que ele ainda tava sem o
prumo certeiro.

Que o homem também se mede
no instante de um momento,

Assim como um raio,
que não dá tempo pra pensar.

E a morte tá ali tão perto que
você pode pegar com a mão,

E o cabra não dá um passo pra trás.

Já conto pro senhor. Lhe explico.

CEL. ULISSES (OFF) - O Coronel Zé Rodrigues nunca que teve questão comigo.

A gente até se dava.

Mas nunca quis confiança nem aproximação.

Tem gente que a maldade tá na natureza mesmo,

que tem gosto sujo nela e até se diverte.

CEL. ZÉ RODRIGUES — Mandei lhe fazer um pedido e o senhor não me atendeu.

Seus homens invadiram as minhas terras, estão cercando o que me pertence.

Por isso eu vim falar pessoalmente com o senhor.

DG — Pensei que o senhor tivesse sido informado.

Se não está, fique informado agora.

Eu comprei aquelas terras.

Estão pagas, medidas, com papel passado em cartório

CEL. ZÉ RODRIGUES — e vão ser cercadas.

Tá me afrontando!

Tá me desafiando!

DG — Vou plantar algodão, muito algodão.

E também umas roças de mandioca pros moradores.

CEL. ZÉ RODRIGUES — Que insolência! O senhor não pode!

DG — Começo a plantar agora com as primeiras chuvas.

Pra que o senhor não tenha mais incômodo de vir até aqui

vou mandar uns homens armados pra vigiar. Qualquer coisa, o senhor pode se entender com eles.

CEL. ZÉ RODRIGUES — Isso é uma afronta!

DG — Com sua licença.

CEL. ULISSES (OFF) — Difícil de acreditar:

O Zé Rodrigues ficou como um bestalhão no meio da feira pro povo todo ver.

Acho que foi naquele dia que Delmiro tomou assento no sertão.

CORONEL DELMIRO GOUVEIA!

SEQUÊNCIA 23 – Cel. Ulisses, com seus jagunços, leito de rio seco.

SEQUÊNCIA 23

CEL. ULISSES (OFF) — Quando Deus olha, nunca perde de vista.

Ele falava assim: "Quem tem água não morre pagão".

E danava a comprar terra ruim, terra de ~~catinga~~ caatinga.

Os rios só enche nos mês que chove de enxurrada.

Nos mais só serve de estrada mesmo.

Pois bem, tem gente que pega na enxada, trabalha de sol a sol,

capina, roça, cava as leira, semeia e aí espera...

Espera pra colher, procura e não acha.

Já tem outros que Deus não deixa nem procurar.

Já dá na mão, pra escolher.

SEQUÊNCIA 24 – (Flash-back) – Plantação de algodão.

SEQUÊNCIA 24

CEL. ULISSES — Trabalho custoso, povo preguiçoso.

Sem desfazer de sua vontade, isso pra mim é dinheiro jogado fora.

Só o senhor mesmo!

E pra que tanto algodão?

DG — Pra fazer linha de costura, Coronel.

Parece que o senhor não me
compreendeu muito bem não.

O que eu quero não é só
essas terras não.

O que eu quero mesmo é a
Cachoeira de Paulo Afonso.

Com a cachoeira na minha propriedade,
eu posso fazer uma usina.

Ela é minha.

CEL. ULISSES (OFF) - Verdade que arranjei muita
terra barata pra ele ~~...~~

~~...~~só pra ver até onde ia esse negócio misterioso de
fazer linha estrangeira no sertão.

Só doido!

SEQUÊNCIA 25 - Cel. Ulisses e ~~...~~ jagunços libertam DG.

~~SEQÜÊNCIA 25.~~

TEN. IZIDORO — Se derem um tiro, um tiro só,
Delmiro Gouveia morre!

CEL. ULISSES — Vou dar tiro não, Tenente.
Pra vocês basta o susto.

TEN. IZIDORO — Coronel, está tudo resolvido.
Olha aqui, Coronel.

CEL. ULISSES — Como vai, Coronel Delmiro?

DG — Agora muito ~~tudo~~ bem, meu amigo.

TEN. IZIDORO — O Coronel Delmiro já tava em liberdade.
Veio esse telegrama do Recife mandando soltar.

Olha aqui a ordem, Coronel.

É a ordem de soltura.

CEL. ULISSES — Quando falar com homem,
abotoe-se.

Jagunço (para o Cel. Ulisses) — O soldado que matou Antõe
tá aí, Coronel!

SEQUÊNCIA 26 - Festa dos jagunços.

DG — Eletricidade, Coronel. A mola mestra do Século XX.

Temos que transformar a força da cachoeira em energia elétrica,

iluminar 1550 tudo por aqui,

irrigar com bombas, trazer máquinas para cá.

Montar uma fábrica.

Agora tenho de seguir por mim mesmo, Coronel.

Nem o senhor nem eu podemos fazer sozinhos o que eu pretendo fazer agora.

O capital é grande.

CEL. ULISSES — Só que dessa vez não sei como vou poder ajudar o amigo.

DG — O dinheiro fica por conta de uns estrangeiros amigos meus: os americanos.

CEL. ULISSES — É do próprio couro do boi que se tira a correia.

O Coronel quer mesmo mudar o sertão!

26-A - Iona e irmã de DG referem-se a Eulina, que rasga vestidos no chiqueiro.

IRMÃ DE DG — Ela vai embora hoje mesmo.

Delmiro quer que esteja tudo pronto dentro de uma hora.

IONA — E as crianças? Vão com ela?

IRMÃ DE DG — Claro que não. Fico eu a tomar conta delas.

SEQUÊNCIA 27 - DG e Iona dirigem-se ao gabinete do Governador Gal. Dantas Barreto, Recife. (17)

DG — Nunca tive sorte com mulheres, Iona.

IONA — Não se pode ter sorte com tudo, Delmiro.

IONA (OFF) — Anunciada, Eulina, e em quantas outras mulheres...

...Delmiro havia buscado inspiração para sua ação transformadora!

No meu entender, porém, na maneira de ser...

...mesquinha e egoísta delas, as mulheres, ...

...ele só havia encontrado confusão, ...

perturbação para sua atividade de empresário dotado de muitas virtudes...

...e grande dose de coragem.

Preocupava-me em Delmiro apenas a sua falta de medidas,

que não raro se manifestava em rompantes,

e que eu definia, quando estávamos a sós, ...

...como "impulsos de irresponsabilidade".

Não neste caso. Agora estávamos com os pés no chão...

...e podíamos levar avante seu projeto mais ousado:

Construção de usinas, eletrificação do Estdo de Pernambuco, a fábrica.

Por esta razão estávamos no Recife e éramos recebidos pelo novo Governador.

Os tempos eram outros, BEM

diferentes daqueles ...

...em que tivemos de fugir do Recife como gatos escaldados.

A princípio, nosso plano...

abrangia apenas a área próxima à Cachoeira de Paulo Afonso,

Terras adquiridas por Delmiro.

Mas nossos financiadores norte-americanos pensavam mais alto.

SEQUÊNCIA 28 (flash-back) - Encontro de DG com o capitalista norte-americano, margens do rio São Francisco.

MR. MOORE — Muito bem, Coronel. A sua proposta nos interessa.

Eu já posso assinar os contratos preliminares,

mas sem a permissão prévia do Governo Federal e Estadual.

não posso fazer nada.

DG — Há um ano atrás eu não teria condições de negociar com o Governo.

Mas agora, com o Mal. Hermes da Fonseca no poder, as coisas mudaram muito.

Os homens que governam o Estado de Pernambuco são honrados e progressistas.

O senhor terá essa permissão no prazo de um mês.

Esse negócio nós vamos fazer.

SEQUÊNCIA 29 - Gabinete do Governador Gal. Dantas Barreto, Recife.

IONA (OFF) — SEQUÊNCIA 24
A garantia dos capitais norte-americanos

e a derrota política de Rosa e Silva

nos punham à vontade frente ao novo Governador de Pernambuco,

o General Dantas Barreto.

Estávamos oferecendo progresso, não estávamos pedindo favores.

GOVERNADOR GENERAL — Com que recursos o senhor pretende iniciar a construção das usinas?

DG — Nós contamos com a cooperação de capital americano.

O capitalista Mr. Moore está associado ao nosso projeto.

GOVERNADOR GENERAL — Sim, sim... compreendo...

E, por certo, o senhor ainda pretende contar com a ajuda do Estado?

DG — Não. Queremos apenas autorização para exploração da cachoeira.

E também para a passagem dos cabos de ligação pelo território do Estado.

Pernambuco terá a anergia mais barata do mundo.

GOVERNADOR GENERAL — Só isto?

DG — Só, nada mais.

GOVERNADOR GENERAL — O negócio parece ser vantajoso para o Estado.

DG — Sem dúvida, General.

GOVERNADOR GENERAL — O negócio parece tão vantajoso para o Estado

que deve esconder alguma velhacaria.

DG — Não compreendo, General!

GOVERNADOR GENERAL — Não é nada pessoal, Coronel Delmiro.

Certas atividades econômicas

devem permanecer forçosamente sob controle do ~~Governo~~. Estado

e não em mãos da iniciativa privada.

Principalmente quando essa iniciativa está associada ao capital estrangeiro.

A diretriz do nosso Presidente Hermes da Fonseca é bem clara:

Aventuras desse quilate só o Estado pode promover.

Uma questão de segurança nacional.

SEQUÊNCIA 30 - automóvel, estrada rural. (20)

~~SEQUÊNCIA 30~~

IOMA (OFF) - Delmiro pagava os pecados de seu passado marcado pelo aventureirismo.

Voltávamos ao sertão e mais uma vez derrotados.

Mas tínhamos o nosso negócio de couros, que continuava firme,

as vendas cresciam e as exportações aumentavam.

DG — Pára aí... (palta do automóvel)

Que é isso aí?

Quem mandou fazer isso?

Você não sabe que é proibido invadir minha propriedade?

Zé Pó — Coronel, o senhor não leve a mal. Mas que é que eu podia fazer?

Se eu fosse ficar esperando uma licença do senhor pra fazer o rancho

ia deixar a mulher e os filho aí tudo no relento, com sol e chuva.

DG — É, mas aqui não pode não!

Zé Pó — Mas, Coronel, nós nem precisa de nada, Coronel. Posso fazer minha casinha com a ajuda da minha família.

A gente faz pur a gente mesmo. Casinha pequena.

Depois, se o senhor quiser, derruba.

Agora, sem casa é que nós num pode ficá!

DG — Nós não temos o apóio do Governo, portanto não temos o dinheiro dos americanos.

Mas existe uma outra força.

Se a gente conseguir juntar aqui, ao lado de Paulo Afonso,

mil, ~~duas~~ 2 mil, ~~cinco~~ 5 mil pessoas,

Essas pessoas podem construir uma usina elétrica e fazer funcionar uma fábrica.

Coisa pequena, nada mais.

Esqueça Recife, esqueça tudo, pense só no homem,

pense na força do trabalho, nesse povão que tá aí sem proveito.

É uma força igual ou maior do que o Governador General,

maior do que os dólares de Mr. Moore!

IONA — Estamos chegando.

DG — ~~Hein~~ Heim?

IONA — Estamos chegando... e de mãos vazias.

DG — A gente faz, depois quem quiser derruba.

IONA — Não entendi.

DG — Entendeu muito bem, Iona. A gente faz, depois quem quiser derruba.

IONA — Como, Delmiro? (como?) Deixe-se de sonhos. Tudo está perdido.

DG — Nada está perdido, Iona. De repente ficou tudo muito claro aqui (aponta para a cabeça). Tão claro como a água da cachoeira.

A gente não conta com ninguém, só com a gente mesmo, Iona,

e o primeiro passo é juntar todo o pessoal que puder por aqui.

Junta todo o pessoal que puder e manda fazer um arraial.

E veja como é que anda nosso crédito.

A gente precisa mobilizar todo o capital que pudermos.

SEQUÊNCIA 42 - ~~Jardim da casa de DG~~
DG recebe ~~[illegible]~~ representante da Machine Cottons, jardim de sua casa.

(22)

~~[illegible]~~

IONA (OFF). Com o oceano infestado de navios alemães...

...os ingleses viram-se impedidos de distribuir seus produtos na América.

Mas quando a esquadra inglesa limpou o Atlântico...

...a Machine Cottons, truste poderoso,...

...queria de volta o que havíamos tomado dela;...

...o mercado latino-americano de linhas de costura,...

...principalmente o brasileiro. Então, aconteceu o dumping,

a baixa artificial dos preços. Jogo bruto, de arrasar.

Perdíamos pouco a pouco o mercado que havíamos conquistado.

Delmiro vetava negociar qualquer solução.

E eu assistia impotente o lento estrangulamento de nossa empresa.

MR. HALLAM - Um pequeno mercado sem concorrentes...

...é sempre melhor que um grande mercado em disputa.

Alagoas, Sergipe e Pernambuco ficam com o senhor.

Nos retiramos dessa parte. ~~do país.~~

DG - E os senhores ficam com o resto do país?

~~DG~~ Desculpe, Mr. Hallam, mas a resposta é não.

MR. HALLAM - Podemos nos associar. As marcas da Machine Company...

...vão desaparecer do Brasil.

E as marcas da fábrica Pedra ficam sozinhas aqui no mercado,...

em todas as praças do país.

E o senhor fica com o poder administrativo.

DG — Aqui no Brasil nós costumamos dar um nome pra gente que aceita esse tipo de negócio: testa de ferro.

Vocês da Machine estão acostumados a vencer no primeiro tiro,

mas parece que comigo a queda está sendo mais difícil.

MR. HALLAN — Tem toda a oportunidade para competir conosco e todo o direito.

Este é um mundo livre, Sr. Gouveia. Todos temos as mesmas chances.

Afinal, estamos fazendo uma guerra para garantir esta liberdade.

Ninguém tem mais direito de disputar o mercado brasileiro que o senhor.

DG — Obrigado, Mr. Hallam.

MR. HALLAN — E então?

DG — A resposta é não!

42A — (Flash-back) - Chalé de DG.

IONA (OFF) — Alguns dias antes, consciente da gravidade da situação,

procurei Delmiro no chalé

que ele destinava às mulheres que ocasionalmente mandava vir do Recife

desde que Eulina se fora.

Foi a primeira e última vez que entrei ali.

estive

Minha idéia era negociar imediatamente com os ingleses,

salvar o que fosse possível.

Agir como empresário e não como um sonhador.

DG — Cara de quem comeu e não gostou, Iona?

IONA — Desculpe vir aqui tratar de negócios, Delmiro,

mas, dada a urgência dos problemas...

DG — Senta, bebe e esquece, Iona.

A vida não se escreve num livro caixa.

IONA — Talvez você tenha razão.

Mas é ele que me diz que nossas exportações cairam 80%.

E que desde que a Machine estabeleceu prêmio especial para os comerciantes

que vendem exclusivamente suas linhas,

e a preços inferiores ao custo,

que a nossa situação é crítica.

Não podemos mais resistir.

DG — Bobagem. Eu saio desta como saí das outras.

IONA — Não saimos não, Delmiro.

Tudo é muito claro e você não quer ver.

De nada adianta resistir, a luta é muito desigual.

Temos que encontrar um acordo, um entendimento,

senão tudo estará acabado.

DG — Você também dizia que tudo estava acabado quando incendiaram o Derbi,

quando fomos à falência. Você não pensa, Iona, você não tem idéias!

IONA — Você se esquece que fui eu que salvei todas essas situações.

Que fui eu tornei possível as suas loucuras,

ali, debruçado no livro caixa,

que é onde se escreve a vida e onde se mente,

ao contrário do que você pensa.

Anos e anos de trabalho,

que agora você quer jogar fora numa atitude irresponsável.

DG — Frouxo... cagão...

IONA — Você não pensa nos outros, Delmiro,

você só pensa em você mesmo!

DG — E você no seu rico dinheirinho e no dia em que vai abandonar tudo isso aqui...

...e voltar para a Europa, depois de ter feito a América.

IONA — E por que não? É muito fácil ter idéias,

...o difícil é realizá-las.

E suas idéias quem as realiza sou eu,

mentindo, rasurando,

...inventando lucros e evitando impostos.

Você fica com as idéias, mas o trabalho sujo é o meu.

42B - Jantar na casa do DG.

MR. HALLAN — Tenho uma proposta definitiva, Sr. Gouveia:

A Machine Company está disposta a adquirir a Fábrica da Pedra...

...por um preço que o senhor mesmo estabelecer.

Além disso, cobriremos dez anos,

...dez anos dos lucros previstos.

DG — O ponto é este, Mr. Hallam:

A Pedra nunca esteve à venda.

E não está agora.

MR. HALLAN — Esperamos do senhor pelo menos uma contraproposta.

DG — Muito bem.

Eu pago pelas instalações da Machine no Brasil...

...a mesma coisa que o senhor está me oferecendo.

E ainda mais: eu cubro os dez anos de lucros previstos.

MR. HALLAN — Não se trata do dinheiro...

IONA — A proposta é irrecusável, Delmiro!

DG — E se eu me recusar?

MR. HALLAM — Teremos que enfrentá-lo.
A concorrência é livre,

Como eu falei antes.

Todo o poder da Machine Company
vai ser utilizado contra o senhor.

Não é este o caso.

O senhor não pode bater-se
conosco.

A Machine Company é invencível.

DG — Isto então é um ultimatum,
Mr. Hallam?

MR. HALLAM — É uma palavra muito forte.

Não creio que devemos usá-la numa
reunião tão agradável como esta.

DG — As palavras são doces,
Mr. Hallam,

Mas a verdade é que elas me
imprensam contra o muro.

Ou dá ou desce.

SEQUÊNCIA 43 - Fábrica da Pedra.

SEQUÊNCIA 43

ZÉ PÓ — Eu queria falar com o senhor,

Coronel. Eu trabalho aqui,
carregando algodão,

e eu queria falar com o senhor
porque tou com vontade assim...

DG — Seu nome?

ZÉ PÓ — Eu me chamo José Jaceguai Albuquerque
Lins de Cavalcanti.

Isso é nome de batismo, meu nome mesmo,...
Todo mundo aqui me conhece por Zé Pó.

DG — Que é que você faz aqui?

ZÉ PÓ — Tem 2 anos que trabalho aqui na
fábrica, carregando algodão,
fardo de algodão,

Agora eu queria falar com o senhor porque
justamente eu acho que é um serviço que
não tem muito futuro,

Não exige nada de especial da gente.

Então eu tava com vontade de pedir pro senhor pra botar a gente pra trabalhar ...

pra me botar pra trabalhar na máquina de cardar ou então na enroladeira.

Eu acho que é um serviço que tem futuro e paga melhor, né?

DG — Fala com o gerente. Diz que já falou comigo.

Zé Pó — Muito obrigado, Coronel. muito obrigado.

43A - Vila operária.

IONA — Então, Delmiro?

DG — Então o quê?

IONA — A resposta para Mr. Hallam. Ele está esperando.

DG — Sabe, Iona? Pela primeira vez na vida sinto que tenho coisas, pessoas, uma usina, propriedades, a fábrica que podem ter um futuro independente de mim.

V. nunca sentiu isso, não é?

IONA — Quer dizer então que vendemos a fábrica?

DG — Sabe mais, Iona? Eu sou o dono de pessoas e coisas,

mas só hoje, agora.

Sinto que não posso mais dispor do futuro deles.

O futuro é de todos, do povo, não se vende.

IONA — Você está louco, inteiramente louco, vamos ser destruídos.

DG — Não perde tempo. Leva o recado pro teu novo patrão:

Não vendo!

Quer saber de mais uma coisa, Iona?

Tá aqui pra esses gringos fi-duma-puta (dá uma banana).

IONA (OFF) Naquele momento compreendi que nada, absolutamente nada poderia ser feito.

SEQUÊNCIA 45 - Zé Pó trabalha na máquina de cardar, fábrica da Pedra. (28)

~~SEQUÊNCIA 45~~

Zé Pó (OFF) - Quando o Coronel morreu eu ainda tava trabalhando na fábrica,

nas máquina de cardar.

Era um trabalho mais maneiro,
num era como carregar fardo de algodão,

E muito menos como puxar
enxada na roça.

E pagava milhó, né?

Pra dizer a verdade mesmo,
era a máquina que trabalhava.

Eu ficava ali só pra vigiar,
pra tomar conta dela,

num deixá ela sair fora
do rumo.

Porque numa máquina de cardar,
você põe o fardo,

liga a chave e ela vai sempre
em frente sem parar,

Mastigando e penteando o algodão.

Se você perde o sentido no trabalho,
cochila ou se distrai

ela pode apanhar os dedo, a mão,
e estragar pro resto da vida.

Quer dizer, você pode ter o
conhecimento de uma máquina,

saber os capricho, as mania

e vai indo, vai indo, pode até
pegar amizade por ela.

Mas ela não tem pensamento, — NUM É?

Trabalha, mas é sempre máquina.
Num é gente.

Gente somos nós, os trabalhadOR,
que trabalha e pensa.

Mas veio um tempo que era
difícil até pensar...

Muita conversa, reunião, discussão,

mas o povo sem saber ao certo.

Seu Iona já tinha ido embora pro estrangeiro. Dizem que muito rico.

E o que se dizia é que os inglês tinha comprado a fábrica pra fechar

e despedir todos os trabalhador.

SEQUÊNCIA S/N (não consta do roteiro) – Casa de Zé Pó.

MULHER DE ZÉ PÓ — O que é, Zé?

ZÉ PÓ — Ouvi um boato que a fábrica vai ser fechada. Acho que vão vender.

MULHER DE ZÉ PÓ — E o que é que a gente vai fazer?

ZÉ PÓ — Sei não, sei lá...

MENINA — Mamãe, quero café.

MULHER DE ZÉ PÓ — Já vai.

Não tem importância não, Zé. A gente volta pra roça.

SEQUÊNCIA 46 – Operários junto a cachoeira de Paulo Afonso, após lançarem as máquinas do patrasco.

ZÉ PÓ (OFF) — Foi isso que aconteceu.

Seu Delmiro mandou a gente fazer a fábrica, a gente fez.

Os inglês veio e mandou quebrá as máquina e derrubá no rio.

A gente quebrou e derrubou.

Eram os dono, os patrão.

Os patrão manda e os trabalhador obedece.

Ninguém perguntou pra nós o nosso pensamento,

se a gente queria ou não quebrar as máquinas.

Agora, o povo daqui nunca esqueceu o Coronel Delmiro.

A fraqueza do Coronel é que ele era só, sòzinho mesmo,

E aí atiraram nele e mataram a fábrica.

Tenho pra mim que ele foi como um exemplo pra nós tudo.

Mas penso também que o dia em que o povo fizer as fábrica pra ele mesmo

aí num tem força no mundo qui pode quebrá nem derrubá,

porque num tem força maior que a do povo trabalhador,

que trabalha, como as máquinas,

e pensa, que nem gente.

Fim